

Infohabitar Ano VIII, N.º 410

O JOGO DAS RELAÇÕES URBANAS: ATRAVÉS DAS PAREDES - I

ARTIGO XX DA SÉRIE HABITAR E VIVER MELHOR

António Baptista Coelho

Inicia-se este artigo com a definição que Claire e Michel Duplay deram de “franja do Edifício”: “a zona que o envolve desde o solo, à cobertura, passando pela fachada e o “lugar de expressão construtiva, de adaptação climática e de refúgio do imaginário” (1).

E comenta-se que as matérias do ambiente constituem, aqui, talvez, cerca de um terço da totalidade da matéria, que se desenvolve, igualmente, pela “expressão construtiva” e pelo “refúgio do imaginário” - e sobrarão ainda outras facetas arquitectónicas nesta franja entre interior e exterior, lugar estratégico das relações que são, afinal, a própria matéria-base da Arquitectura.



Fig. 01

Vários grandes projectistas têm insistido em que a Arquitectura é, essencialmente, um jogo de relações; por exemplo, Álvaro Siza referiu-o

explicitamente e houve mesmo obras teórico-práticas que foram feitas exactamente nesta perspectiva da abordagem da franja entre edificado e espaço exterior.

Este é o caso do excelente “À Travers le mur”, de Jean-Charles Depaule (2), que trata em boa parte das tipologias associadas à casa urbana árabe, embora em constante relação com soluções europeias, e podemos referir com todas as paredes e tipologias urbanas e residenciais do mundo - embora sob "versões" extremamente diversificadas e ricas.

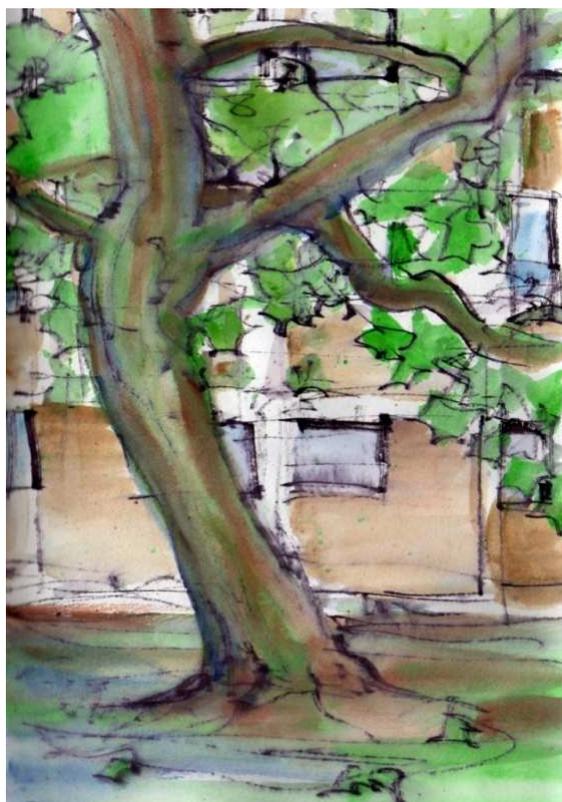


Fig. 02: E este jogo do "através das paredes" - ou "da parede!" -, também se joga através do verde urbano, por exemplo, e naturalmente através de muitos outros espaços e "dispositivos" de transição e limiar.

E neste jogo do “através das paredes” há muito potencial de satisfação/alegria e, naturalmente, de insatisfação e desgosto/depressão; pois muitos dos ganhos em termos de relações e caracterizações visuais do interior doméstico sobre o exterior público, e vice-versa, se conquistam neste através das paredes, nestes limiares, nestas transições de privacidades e de publicidades, e nestes enquadramentos estratégicos de vistas.

E é ainda neste jogo do “através das paredes” que se apontam e desenvolvem, se desperdiçam, muitas das possíveis vantagens ambientais, designadamente, em termos de estratégias de sombreamento, insolação, ventilação e iluminação natural também se podem ganhar neste ricos limiares arquitectónicos.

Nestas matérias importa ter presente que é, por vezes, pequena a distância/diferença entre uma relação urbana de proximidade, estimulante, humanizada e pitorescamente “escavada” e uma relação urbana concentracionária e, até, por vezes claustrofóbica, e, portanto, há que actuar com todos os cuidados.

Toni Marí Muñoz descreve este jogo da seguinte maneira:

"Dois âmbitos, o privado e o público, que se contrapõem. Dois espaços que se complementam. Dois egos com duas linguagens. Interior, exterior. Privacidade, publicidade. O meu, o de todos. Eu e os outros. O interior que mantém as ilusões frente ao realismo do exterior.... A ilusão de manter incólume a entidade/identidade através da inscrição em todo o lugar doméstico. A escrita do interior que consolida a memória da história pessoal: fotografias, ofertas, a viagem à Grécia, a cómoda da Avó. Memória do eu através das coisas e do afecto das coisas, inscrito na segunda pele, santo dos santos do domicílio particular" (3)



Fig. 03

Neste e jogo e nestas matérias, que são campo inesgotável de arquitecturas e designadamente de domesticidades e urbanidades arquitectónicas parece ser, realmente, muito interessante o duplo conceito proposto por Cullen de "paisagem interior" e de compartimento exterior" (4).

Nesta dupla, mas unificada, ideia parece estar muito do possível conteúdo da domesticidade interior e exterior, numa ideia de mundo de cada um em sua casa e de mundo residencial comum.

Muito do sentido de “casa no mundo”, protegida mas bem relacionada (e por isso melhor protegida), e o sentido de rua ou praça “nossa”, onde também estamos verdadeiramente em casa, agradavelmente protegidos, identificados e bem próximos dos nossos sítios mais íntimos.

Mas para que tais ideias de projecto e de vida se concretizem é fundamental que elas joguem e bem o jogo arquitectónico das relações, dos limiares, das transições, das marcações; e tal jogo não está, decididamente, ao alcance de maus jogadores.

Notas:

- (1) Claire e Michel Duplay, "Methode Illustrée de Création Architecturale", pp. 138, 139 e 143.
- (2) Éditions du Centre Georges Pompidou, Paris, Col. Alors; n.º 9, 1985.
- (3) Toni Marí Muñoz, "Vivir en la Ciudad. El Exilio y el Reino", in Habitat, 4, p. 5.
- (4) Gordon Cullen, "Paisagem Urbana", p. 30.

Infohabitar a Revista do Grupo Habitar

Editor: António Baptista Coelho

Edição de José Baptista Coelho

Lisboa, Encarnação - Olivais Norte

Infohabitar, Ano VIII, n.º 410, 4 de Outubro de 2012

Etiquetas: [antónio baptista coelho](#), [através das paredes](#), [jogo de relações urbanas](#), [jogo urbano](#), [pele do edifício](#), [relações urbanas](#), [transição exterior interior](#)